

## DE CRIANÇA PROTEGIDA A AVENTUREIRO SOLITÁRIO

### Saga de uma luta com a natureza

Homem dos sete ofícios nos desportos de aventura, Samuel Lopes foi um menino de estufa na infância e na adolescência em Almeirim, que os pais esforçaram-se por manter longe de vivências de risco.

«Os meus pais nunca se habituaram às minhas aventuras. Agora, dou valor a isso», reconhece o expedicionário, que tem dois filhos, Ian Ari, 16 anos, e Rudi Ingo, 11. «Lidamos com elementos imprevisíveis, sobre os quais o homem não tem poder, mesmo que seja muito bom a nível técnico. Podemos prever situações mas sem certezas. Só que a piada disto está em jogar com esses elementos e tentar não acabar enganado pela natureza.»

Samuel Lopes vence uma «luta» para sair da asa dos pais. No ensino secundário, enfrenta outra batalha: a falta de aptidão para as modalidades tradicionais, então constantes no programa desportivo. «Gostava mas não tinha jeito. Foi uma saga. Era um desastre», confessa o parapentista, sorriso largo.

Um dia, «abre-se uma janela». Na Arrábida, no âmbito de projecto escolar, apercebe-se da facilidade «em subir pedras, em andar na floresta, e um grande prazer em fazer estas coisas». Dera de caras com o futuro. «Nunca mais houve um fim-de-semana fora da montanha durante muitos anos.»

A alta montanha e a escalada são a primeira paixão de Samuel Lopes, à qual regressa quando se cansa da diversidade que pautou o seu percurso — na tropa foi pára-quedista militar e descobriu a corrida e orientação. «A montanha ainda é especial. Quando abandono um pouco, há um momento de vazio tão grande que tenho de praticar. Quando se faz muita coisa há necessidade de voltar ao princípio.» Em 1990, o Monte Branco recebe-o para a primeira de três ascensões em solitário e estreia-se na aventura em alta montanha. «Ir sozinho não faz parte das regras mas temos de saber estar só para equilibrarmos os riscos. É minimamente controlado.»